

----- *Tradução dos Clássicos* -----**O problema da coexistência cultural¹**

György Lukács

I

Qualquer que seja o êxito imediato das atuais conversações de paz, é certo que na próxima década a coexistência cultural entre o mundo burguês e o socialista se tornará cada vez mais importante. Como as discussões atuais sobre este assunto revelam uma grande confusão, tanto na determinação dos fundamentos e perspectivas, parece apropriado examinar os problemas teóricos mais gerais deste complexo.

Enfatiza-se repetidamente, sobretudo no Ocidente: enquanto a União Soviética não renunciar à sua finalidade, isto é o comunismo mundial, não poderá falar em coexistência real. Isto é, assim nos parece, em termos teóricos um discurso vazio; mas seria na prática – pelo menos – a perpetuação da guerra fria. Para quem tem apenas uma noção vaga da essência econômica do capitalismo e do socialismo, deveria saber que ambos os sistemas, ao contrário das formações econômicas anteriores, têm por base um caráter de universalidade. Ambos só poderiam surgir na medida em que o mundo inteiro se tornou economicamente e, portanto, também politicamente, uma formação inseparavelmente interdependente. Ambos possuem a tendência de moldar o mundo inteiro de acordo com sua própria forma de vida, imanente; nenhum dos dois pode renunciar a essa tentativa objetivamente necessária sem ao mesmo tempo superar a si mesmos. A questão real pode, portanto, ser posta apenas assim: no momento em que a guerra nuclear e, portanto, qualquer guerra capaz de subverter o mundo, saí do âmbito das possibilidades reais, por quais meios essas tendências de desenvolvimento irrevogavelmente universalistas podem operar para a sua realização? Um modo prático-racional de relação entre esses dois grandes sistemas só pode ser buscado subordinado ao quadro dessas atividades necessariamente universais.

¹ [N.T.] Traduzido por Ronaldo Vielmi Fortes a partir da edição alemã: LUKÁCS, György; “Probleme der kulturellen Koexistenz”; in *Marxismus und Stalinismus*; München, Rowhlt, 1970; pp. 214-234. Publicado pela primeira vez na revista *Forum*, XI/124, 125, Wien, 1964, pp. 181-214. Cotejado com a tradução italiana: LUKÁCS, György; *Il marxismo nella coesistenza*; Roma Editori Riuniti, 1968.

Isso significa que a coexistência dos dois sistemas – após ter sido eliminado de antemão de fato e após haver eliminado sob um plano institucional de maneira sempre mais decidida as possibilidades de soluções bélicas – pode ser apenas uma forma nova de luta da classe internacional. Em uma conferência que dei no verão de 1956, indiquei que a pergunta de Lênin: "de quem a quem?" é o fundamento dinâmico de qualquer coexistência, de qualquer diálogo no interior da coexistência. Isso é sempre afirmado pelo lado marxista. O que importa é que os políticos e ideólogos ocidentais cheguem à conclusão de que sua própria posição é também um ponto de vista de classe, seja no campo da política, da economia ou da estética, e não a "revelação" de uma razão advinda de fora do domínio social.

Tal percepção não significa que os interlocutores tenham agora que assumir sua própria posição de um ponto de vista relativo. Pode-se muito bem continuar a considerá-lo como o único correto, como nós marxistas fazemos; o reconhecimento teórico da inevitabilidade da base de classe na reivindicação da universalidade social da parte do oponente não leva necessariamente a um relativismo autocrítico, já que essa afirmação, mesmo que reconhecida como inevitável no plano social e econômico, pode ser criticada no plano teórico como contraditória e insustentável, assim como ocorre com a ideologia capitalista de acordo com o campo visão do marxismo. Por conseguinte, não se trata de recuar, de fazer concessões, mas simplesmente de compreender de modo histórico a posição real do oponente, de polemizar contra o que ele realmente entende e deve conseqüentemente entender, a partir de seu ponto de vista.

O princípio realmente efetivo que determina a busca pela universalidade de uma formação reside naturalmente na estrutura e na dinâmica de sua economia. Uma análise realmente abrangente e exaustiva da coexistência teria que começar a partir daqui. Como o nosso objetivo não é tão abrangente, devemos nos limitar a algumas observações sobre essa questão, a fim de chegarmos ao nosso tema específico o mais rápido possível. Acima de tudo, uma eliminação institucional da guerra deve, mais cedo ou mais tarde, levar à redução de toda a discriminação nas relações econômicas. Estas são essencialmente preparações econômicas da guerra, e o fato de as organizações monopolistas poderosas possam explorar tal situação para seus próprios interesses mais estreitos não muda nada de decisivo no quadro geral. Até porque todas as medidas economicamente discriminativas são ferramentas da Guerra Fria, e estas, uma vez que a guerra verdadeira tiver sido eliminada de maneira sólida, deverão desaparecer, mais cedo ou mais tarde (presumivelmente mais cedo do que tarde).

É claro que é apenas a competição econômica entre os sistemas, a forma real da

coexistência econômica, que dela resulta, constitui – em última análise – a razão decisiva por meio do qual os homens de um sistema optam pelo seu próprio ou pelo do concorrente, este é o conteúdo decisivo da luta de classe subjacente à coexistência. Já afirmei em outros contextos² que o *próprio desenvolvimento econômico oferece a propaganda mais eficaz nesta competição. Mas naturalmente, isso vale para o próprio desenvolvimento real, não para aquele desenvolvimento difundido por meio da propaganda.* Também assinalei que essa preponderância do ser econômico não é a razão absolutamente eficaz. Assim – mais uma vez: em última análise – trata-se de saber qual sistema econômico é capaz de garantir às pessoas uma vida mais plena de sentidos e significativa.

Em artigos anteriores também tratei dessa limitação última da eficácia ideológica dos fatos econômicos, sobretudo ressaltando a grande força espiritual de atração da Revolução Socialista nos anos 1920, numa época na qual nem mesmo a reparação dos danos de guerra estava, do ponto de vista econômico, resolvida. Para o presente, esse problema se manifesta como o ponto central, porque a última fase do desenvolvimento capitalista conferiu ao tempo livre, ao ócio, uma amplitude social cuja importância nunca foi verificada antes. E isso em duas direções. Por um lado, a constante expansão quantitativa do tempo livre está inserida na tendência de desenvolvimento da economia e, por outro lado, a exploração humana nunca foi, de modo algum, tão auto-evidente, tão sem problematidade, em relação à vida das antigas classes dominantes.

Essa dupla face, o crescimento quantitativamente enorme daqueles que participam do ócio, combinado com a crescente incapacidade de utilizá-lo de modo humano, resulta em uma das questões culturais centrais de nosso tempo, com as quais os teóricos do mundo burguês estão lidando sempre mais intensivamente.

Não há necessidade, portanto, de insistir no fato de que os problemas culturais em tais circunstâncias ganham importância para a decisão de alternativas sociais, que pareciam inimagináveis há algumas décadas. Mesmo Marx, que considerou este problema há cerca de cem anos e viu na "redução do trabalho necessário da sociedade ao mínimo" como uma condição para a "formação artística, científica, etc., dos indivíduos graças ao tempo tornado livre para todos e graças aos meios à disposição de todos" julgava que essa condição só poderia ser realizada no socialismo. *Como se vê – e Marx não pôde prever isso em 1857-58 – um tempo livre socialmente considerável já foi realizado no capitalismo.* No entanto, ele é manipulado em prol dos próprios interesses do capitalismo, que subjugou ao próprio domínio

² LUKÁCS; *Zur debate zwischen China und der Sowjetunion theoretisch-philosophische Bemerkungen*; In: *Marxismus und Stalinismus*; München: Rowohlt Verlag, 1970; p. 208.

desde a inteira fabricação de bens de consumo até os estereótipos da vida cultural.

Socialismo invisível

Essa contradição da crescente relevância social do tempo livre e de seu crescente vazio interior, sua incapacidade de realmente satisfazer os homens e menos ainda de dar às suas vidas um conteúdo mais elevado, é hoje uma das questões culturais centrais nos países capitalistas alto nível de desenvolvimento.

Marx ainda acreditava que tal elevação das forças produtivas só seria alcançável no socialismo. Dada a sua forma científica característica de analisar somente as forças produtivas que trazem o futuro e fazer em relação a estas apenas as considerações gerais que podem explicitar perspectivas, ele não se concentrou sobre as questões específicas do "reino da liberdade", segundo sua designação posterior. *As tendências gerais de deformação teórica e prática do marxismo-leninismo no período de Stalin têm como consequência o fato de aos homens que sofrem do vazio de seu ócio manipulado pelo capitalismo, que se tornou a base abstrata de seu desdobramento humano, não se contrapõe nenhum modelo socialista, a ele não fez visível nenhuma saída socialista. Desse modo – esse fato é altamente significativo – não há nenhum substituto imanente do capitalismo diante da invisibilidade da perspectiva socialista como modelo e como saída.*

Para nossas finalidades, é suficiente indicar os contornos mais gerais acerca desse complexo de problemas. Devemos, portanto, apenas chamar a atenção para o fato de que, em um desenvolvimento previsível do futuro imediato, *os problemas da cultura serão chamados a desempenhar um papel qualitativamente mais importante do que nos períodos anteriores, isto é, no estágio inferior de desenvolvimento do capitalismo.*

Determinamos a coexistência cultural como uma forma de luta de classes. Naturalmente, nada de novo foi dito. Desde que as classes existem, a classe dominante tem tentado impor aos explorados uma visão de mundo que lhes convém. Esta função da religião, escola etc. é antiga. (Já em meados do século, a pintura como substituta da Bíblia e da interpretação bíblica tornou-se um meio de influenciar os analfabetos.) E não há dúvida de que no campo da ideologia, no sentido mais estrito, essa luta vem acontecendo há muitos anos, isto é, mesmo quando o analfabetismo das classes oprimidas tende a desaparecer cada vez mais rapidamente.

Cultura é mais uma luta de classes

Naturalmente, no Ocidente tais declarações serão consideradas *como uma vulgarização da cultura. E tal consideração também surgiria se alguém assumisse que toda filosofia, toda obra de poesia etc., surgiu apenas com o propósito de cumprir tal função na luta de classes*. Mas o marxismo autêntico está longe de tal concepção. Por um lado, é claro, ele sabe que todo ideólogo nasceu e cresceu em um determinado país, em determinado período, em determinada classe. As impressões e influências que formam sua personalidade são necessariamente manifestas em todo o seu modo de pensar e sentir e, conseqüentemente, também em sua produção. (É claro que esse efeito do ambiente social também pode ser repulsivo, como aconteceu com o filho de fabricante, Friedrich Engels, que se tornou comunista. Isso modifica de modo muito essencial o conteúdo de classe em casos singulares, mas não pode anular caráter de classe de todo o complexo).

A gênese social das obras culturais é, portanto, apenas um componente – mas não a mais decisiva - de sua essência social. Independentemente da intenção do criador, a criação tem um efeito determinado na vida social de seu tempo e, eventualmente, também na posteridade. Independentemente de como Copérnico, Kepler e Galileu enfrentaram pessoalmente os problemas religiosos de sua época, suas obras destruíram uma ontologia religiosa que se estendia por mais de mil anos, dando a todas as lutas sociais no terreno da visão de mundo nova fisionomia.

Se alguém deseja chegar a uma avaliação realista de tais lutas no presente, deve compreender o conceito de visão de mundo de forma muito ampla, muito além do campo da filosofia acadêmica. Essa tendência sempre foi muito salientada no marxismo, mas de maneira alguma exclusivamente nela. William James, por exemplo, iniciou suas palestras sobre o pragmatismo com uma citação de Chesterton, cujo conteúdo ele afirmava sem reservas. Chesterton começa suas observações com as palavras: "Há pessoas - e eu sou uma delas - que acreditam que a coisa praticamente mais significativa sobre um homem é sua visão de mundo. Para uma proprietária que está examinando um inquilino, é muito importante que ela conheça sua renda, mas o mais importante para ela é que ela conheça sua filosofia".

Quando se leva esse pensamento às últimas conseqüências, chega-se a descobrir nas ações de cada homem certa conexão sistêmica que, por um lado, é determinada por seu ser social (como vimos, atitudes de oposição não abolem essa determinação geral); por outro lado, confere a suas ações imediatas individuais uma unidade, muitas vezes não consciente ou falsamente consciente de si mesma. Portanto, não é de todo incorreto chamar esse campo de

força psíquica entre a reprodução da realidade e a reação a ela em geral como visão de mundo.

Não é aqui o lugar para analisar os níveis muito diferentes de consciência de tais visões de mundo, o que importa aqui é indicar que papel essas visões de mundo desempenham na decisão de alternativas de vida, especialmente naquelas em que é afirmativa ou é a negação do mundo social em que homem vive e atua, e eventualmente – o que na prática é muitas vezes muito frequente – a abstenção de juízo, resignada, cínica etc., sobre esta questão.

Desideologização?

Por influência do neopositivismo, no Ocidente é bastante difundida a opinião de que somente os chamados sistemas totalitários colocam ênfase na visão de mundo, enquanto no "mundo livre" seria, em princípio, privado de visão de mundo, e essa seria precisamente sua força. Naturalmente, contra tais determinações, talvez sintetizadas de maneira muito grosseira, alguns levantarão objeções. Mas se deve ter em mente que os principais neopositivistas, por princípio, eliminam do campo do que pode ser cientificamente ou mesmo apenas racionalmente apreendido tudo o que escapa à manipulação matemática de fenômenos. É assim que se diz em um livro tão famoso quanto o *Tratado* de Wittgenstein: "A maioria das proposições e questões que foram escritas sobre coisas filosóficas não são falsas, mas sem sentido. Portanto, não podemos responder a questões desse tipo, mas ao contrário apenas indicar a sua falta de sentido... E não é de estranhar que os problemas mais profundos não sejam realmente nenhum problema". E ele extrai, de maneira corajosa e coerente, todas as consequências, ao dizer: "É por isso que não pode haver proposições de ética", e prossegue: "sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas tivessem sido respondidas, nossos problemas de vida ainda não teriam sido sequer tocados".

Assim, Wittgenstein relegou todos os problemas humanamente importantes para o domínio do não-racionalizável, do irracional e, com sua rejeição radical de todas as questões de visão de mundo, mostra sua inevitabilidade prático-real: se expulsos pela porta da filosofia, então retornam pela janela.

Portanto, não é coincidência que o existencialismo e as visões de mundo, religiosas ou irreligiosas, a elas relacionadas tenham ocupado esse domínio em nome de um irracionalismo contemporâneo. E a complementaridade polar de tais posições imediatamente opostas define

essencialmente o campo das visões de mundo predominantes do Ocidente. (Deve-se fazer uma menção honrosa a Sartre, por ele não se contentar filosoficamente com essa polaridade e tentar superá-la por meio de tentativas sempre novas.)

Com dogmatismo não é possível

É possível contrapor com sucesso o marxismo a essa problemática de princípio de todas as visões de mundo, e é possível até mesmo ter um diálogo fecundo entre elas? *Certamente não com os herdeiros do período de Stalin.* Eles confrontam a manipulação refinada do conhecimento apenas com uma grosseira rigidez, a irracionalidade da prática humana, as questões importantes da existência humana, somente com uma rigidez dogmática.

E quando no período após o XXII. Congresso alguns marxistas tentaram corrigir a manipulação dogmática áspera por meio da recepção de filosofias ocidentais (semântica etc. no campo do materialismo dialético, microsociologia etc. no campo da história), então eles incorreram em erro. A "demanda do dia" para a teoria e prática dos comunistas é o conhecimento marxista daquilo que, *após a morte de Lenin, era novo em termos de mudanças estruturais, de tendências de desenvolvimento da vida social. Há muitos novos fenômenos de massa que não podem ser resolvidos por meio de apelos a Marx e a Lênin.*

Lenin disse em 1922, quando a NEP foi introduzida no capitalismo de estado: "Nem mesmo Marx pensou em escrever uma única palavra sobre isso, e morreu sem deixar uma citação precisa e indicações irrefutáveis a respeito. É por isso que temos que nos deter sobre o problema"³.

Em seu discurso em Bucareste, Khrushchev aplicou corajosamente e corretamente o método de Lênin à nova situação, às declarações corretas de Lenin sobre a relação do imperialismo com a inevitabilidade da guerra. Trata-se por um lado de *uma série de fatos novos, especialmente econômicos, nos mundos capitalista e socialista que os clássicos do marxismo não puderam examinar* porque não existiam em seu tempo; por outro lado, *Stalin e seus seguidores desfiguraram o método marxista em questões importantes*, petrificaram sua vivacidade e abertura ao mundo.

Os novos fatos da vida só podem ser decifrados pelo *renascimento do método de Marx*, por um reexame sem preconceitos sobre dessa base, não por uma incorporação acrítica de reflexos burgueses acríticos do novo desenvolvimento ao método de Stalin, que em

³ W. I. Lenin; *Politischer Bericht des Zentralkomitees an den XI. Parteitag der KPR(B)* (27, março dd 1922). In: LENIN-WERKE, tomo XXXIII, p. 168.

essência permanece inalterado.

Pode parecer que, com tal análise da situação ideológica no capitalismo e no socialismo, estaríamos removendo qualquer terreno espiritual da coexistência cultural. De fato, ocorre o oposto: somente através de uma revisão crítica do presente pode ser pavimentado o caminho para o futuro, o caminho para a coexistência cultural – que chegará inevitavelmente. Para tanto, o pressuposto evidente é o acerto de contas com o legado de Stálin em relação à visão de mundo socialista. Naturalmente isso vale apenas para aqueles que são capazes de compreender o caráter ideológico [*weltanschaulichen*] do marxismo. De Max Weber a Wright Mills, não foram poucos aqueles que – mais ou menos – compreenderam isso. Mas é difícil falar sobre essa questão com quem pensa, como Madariaga⁴, que a visão de mundo de Lênin é: "ou você concorda comigo, ou eu atiro". (Por isso Madariaga ficou surpreso e indignado ter sido mencionado, junto com Enver Hodsha⁵, em um artigo meu anterior⁶; por isso ele não viu que o *tertium comparationis* foi simplesmente a adesão, tomada de posição afirmativa, de ambos à guerra fria e até mesmo à guerra quente).

Molotow e Koestler

O Ocidente – em seu próprio interesse – precisa compreender que a alternativa atual da visão de mundo e do método socialista é a escolha entre a restauração do marxismo autêntico, sua aplicação aos novos fenômenos do presente ou a insistência no método distorcido por Stalin, e não, como se pensa, entre Molotov⁷ e [Arthur] Koestler.

Se a luta para encontrar um caminho é visível, ao menos, para os pensadores

⁴ [N.T.] *Salvador de Madariaga y Rojo* (1886-1978) foi um político, diplomata e escritor espanhol. Durante a Guerra Fria foi um ativo militante contra o comunismo soviético, bem como opositor da ditadura franquista.

⁵ [N.T.] *Enver Halil Hoxha* (1908-1985) foi primeiro chefe do governo comunista da República Popular Socialista da Albânia, ao qual serviu por quatro décadas. Após a invasão da Albânia pela Alemanha, em 1941, Hoxha, junto com outros militantes, fundou o Partido Comunista da Albânia que posteriormente adotou a denominação de Partido do Trabalho da Albânia. Foi nomeado Secretário do Comitê Central do Partido e Comissário do Exército de Libertação Nacional, que combateu o Exército Alemão, os fascistas e as forças feudais da Albânia. De 1944 até 1954 foi primeiro-ministro da Albânia, tendo ocupado mais tarde outros cargos no governo, mas como Secretário do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, deteve efetivamente o controle sobre o governo até a sua morte. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Enver_Hoxha).

⁶ Cf. "Brief na Alberto Carocci" in: LUKÁCS, Georg; *Marxismus und Stalinismus*, op. cit., p. 187.

⁷ [N.T.] *Viatcheslav Mikhailovitch Scriabin* (1890-1986), diplomata e político da União Soviética entre os anos 20 e 50 do século XX. Adotou o pseudônimo de Molotov (do russo molot, "martelo"). Seu nome tornou-se célebre pela popularidade do coquetel molotov, arma química incendiária muito utilizada em guerrilhas e manifestações urbanas. A associação de seu nome com essa bomba caseira deve-se a sua declaração durante a Guerra de Inverno de que os soviéticos não estavam bombardeando cidades finlandesas, mas sim jogando alimentos. As bombas russas então foram apelidadas de "cestos de pães de Molotov" e as bombas improvisadas usadas pelos finlandeses de coquetéis Molotov.

progressistas, então a grande maioria concebe a situação ideológica do Ocidente de maneira muito estática e complacente; em nada modifica esses fatos básicos a afirmação prática de que a condição atual assumia às vezes a forma de "crítica da cultura".

Sob esta estaticidade (ou desenvolvimento uniforme imutável) da superfície, ocorre realmente uma mudança significativa, que até hoje, no entanto, mostra-se apenas em algumas iniciativas políticas pragmáticas, embora, em si, signifique uma mudança importante e de princípios para todo o mundo capitalista. (Para excluir qualquer mal-entendido desde o início: trata-se de uma mudança *dentro* do sistema capitalista, *não* estou falando agora sobre as possibilidades de uma revolução socialista).

Franklin D. Roosevelt, após a Grande Crise de 1929, viu que com a grande labilidade social de todo o mundo contemporâneo, com a existência de um estado socialista poderoso, a repetição de tais crises também poderia trazer grandes perigos para os Estados Unidos. Assim, ele aplicou uma política econômica cujo foco principal era a prevenção de crises, medidas profiláticas para prevenir sua erupção, etc.

Prescindindo do fato de que essa opinião seja assumida com a consciência correta ou errada da sua base econômica, o seu significado objetivo envolve representar os interesses gerais do capitalismo em seu conjunto, se necessário contra os interesses de grupos capitalistas específicos, mesmo que poderosos e influentes. Pois não há dúvida de que alguns deles podem, sob certas circunstâncias, estar interessados no início de uma crise, e até mesmo prontos a provocá-la, para alcançar uma ampliação da concentração de suas posições de monopólio, a fim de destruir concorrentes incômodos. Mas o choque mundial durante e depois de 1929 mostrou que em tais casos a existência do sistema capitalista pode estar em perigo. Roosevelt também conseguiu impor essa linha de política econômica nos EUA e, de fato, orientar a prática econômica nos países capitalistas mais desenvolvidos.

O segundo caso em que esta nova política surgiu foi a guerra contra a Alemanha de Hitler. Aqui, também, interesses parciais de poderosos grupos capitalistas levaram à Munique e às suas consequências. Naquela época, Roosevelt e Churchill perceberam que os interesses gerais do mundo burguês exigiam uma guerra de aniquilação contra o sistema de Hitler – aliando-se com a União Soviética – que a preponderância prolongada dos interesses parciais de grupos de poder singulares poderia provocar a queda do todo.

Desde então, essa questão não saiu da agenda. O surgimento de uma forte aliança socialista, o irresistível movimento de libertação dos povos coloniais, a tendência igualmente irrefreável dos países economicamente atrasados de superação do seu atraso, a transformação de toda a estratégia por causa das armas nucleares, etc., tornaram objetivamente impossível

ignorar este problema.

Capitalismo contra capitalistas

No entanto, após a morte de Roosevelt, Kennedy foi o primeiro e único estadista no mundo capitalista a retomar este programa sob condições alteradas e evoluídas. O fato de que esta é também a antítese dos interesses do capitalismo em seu conjunto e das organizações monopolistas específicas é mais claramente demonstrado pela relação dos EUA com os estados da América Central e do Sul: a implementação prática da estreita cooperação econômica e política, pela qual o desenvolvimento superior, a modernização econômica e política dos países da América Central e do Sul seria um interesse vital do capitalismo dos Estados Unidos em seu conjunto, fracassa sempre pelo fato de certos grupos capitalistas estarem interessados em manter determinadas situações de atraso nesses estados (monoculturas, proprietários de terras feudais, etc.).

Este é apenas o problema básico a ser indicado. A análise de sua efetivação em todas as áreas da vida internacional não pode ser o propósito deste ensaio. Basta apontar para a questão dos negros, como problema da política interna, o apoio desastroso, na política externa, aos governos mais reacionários da América Central e do Sul, Coréia, Vietnã, etc. para ilustrar a universalidade deste problema.

Tampouco este ensaio pode estabelecer o objetivo de analisar as possibilidades e perspectivas de tal desenvolvimento. Para nós, esse fato histórico é acima de tudo ideologicamente importante. Pois sua aplicação consistente requer também uma autorreflexão ideológica, bem como a suplantação dos métodos de Stálin no mundo do socialismo. (Deve-se notar apenas marginalmente: a palavra "também" deve ser colocada entre aspas, uma vez que a autorreflexão ideológica no mundo burguês tem uma estrutura, dinâmica etc. diferente daquela do mundo marxista.)

[Mas, para nos limitarmos apenas ao essencial, quanto mais coerentemente essa nova orientação for implementada no nível prático, mais a manipulação genérica, agora predominante, e baseada no neopositivismo, será encontrada em forte contraste. De fato, considera o estado de hoje, erroneamente, como um domínio dos interesses coletivos da sociedade. Alguns ideólogos vão tão longe a ponto de negar o caráter capitalista da economia. Mas, por mais inteligentemente que possam manipular os problemas que surgem aqui – por exemplo, uso apenas aspas como o imperialismo, o colonialismo, etc. – os fatos permanecem

os mesmos, e as reais mudanças na estrutura da realidade sempre acabam se impondo, cedo ou tarde, direta ou indiretamente, de maneira adequada ou deformada. Os contrastes que determinam decisivamente a ação prática não podem ser eliminados totalmente do pensamento.]*

[Esse poder do ser social é tal que as conseqüências conceituais e sentimentais de suas mudanças qualitativas podem ser sentidas muito antes de sua aparição decisiva, ainda que isso ocorra apenas por parte de ideólogos em que a rotina não abrandou a compreensão das transformações capilares, e o medo do inconformismo substancial – e, portanto, impopular – não se tornou o motivo condutor do pensamento. Hoje há muitas declarações isoladas, e elas sem dúvida aumentarão em número e intensidade, sempre ganhando mais influência, mesmo que demore muito para se tornarem a voz dominante. Naturalmente, esse desenvolvimento no nível econômico-político e ideológico não se limita aos EUA, onde, no entanto, assume, objetiva e subjetivamente, uma expressão fenomênica de particular importância.]*

II

As grandes tendências do nosso tempo conduzem a coexistência cultural a seu sentido próprio. Estou longe de subestimar as formas iniciais já existentes – de eventos esportivos e jogos de xadrez a shows de balé e concertos virtuosos. Dada a manipulação geral da opinião pública – que pode ter como resultado que mapas massas de um sistema julguem os membros do outro sistema como bárbaros de cultura – elas podem ser úteis e instrutivas, abrindo caminho para contatos mais profundos, mas nelas absolutamente falta a razão, que indicamos como um motivo central, do “quem para quem?”. Nem a internacionalização das ciências, cada vez mais necessária, especialmente das aplicadas, leva a uma inflexão decisiva nessa questão. Quanto mais elas se desenvolvem, tanto mais extremamente importante se torna a necessidade de habituação à internacionalidade de todos os campos de atividade humanos, teóricos e práticos; todavia ninguém é abalado pelo sentimento de pertencer ao próprio sistema ou atraído por outro porque nesse foi inventado um remédio melhor ou um instrumento qualquer mais eficaz. Tudo isso constitui a base indispensável para a coexistência de sistemas culturais que negam um ao outro, mas nunca pode ser o essencial por si mesmo.

* Os parágrafos entre colchetes constituem passagens que estão ausentes na publicação alemã do artigo. Foram extraídos dos rascunhos de Lukács que podem ser consultados no endereço: <http://real-ms.mtak.hu/21761/>. Constam também na tradução italiana, LUKÁCS, György; *Il marxismo nella coesistenza*; Roma Editori Riuniti, 1968, já referida por nós.

Quando falamos disso, devemos antes de tudo pensar no que indicamos anteriormente como função das visões de mundo na vida humana e, dentro desse complexo, acima de tudo, os elementos que levam a uma afirmação ou negação do respectivo ambiente social. Há uma conexão íntima entre a correção histórica de uma visão de mundo e a intensidade com a qual ela serve para manter sua formação social.

Abertura em vez de bloquear

Dissemos: a correção histórica, porque em certas situações sócio-históricas, por exemplo, certas teorias ontológicas podem dar uma grande solidez às visões de mundo, em grande parte independentes do fato de que a ciência posterior prova sua insustentabilidade. Isso porque, nesse contexto, o elemento de base é a conexão ideológica do indivíduo com seu sistema social, e a ontologia tem a função de consolidar essa ligação.

É claro que o ímpeto para a decomposição da visão de mundo antiga também pode vir do lado ontológico: em tais casos, é sempre um encontro histórico de transformações sociais e descobertas teóricas (por exemplo, no caso de Galileu).

Assim, a luta de classes é sempre uma *luta de visões de mundo*. Mas seria uma simplificação vulgar pensar que elas desempenham o papel de um mero epifenômeno. Na prática ninguém acredita nisso. O tempo de Stalin, portanto, estava ansioso para manter toda a sua *intelligentia* (no sentido mais amplo) longe de qualquer conhecimento de outras visões de mundo. Formalmente, tal postura é estranha à cultura ocidental, mas não se deve esquecer que há uma manipulação altamente refinada nesse campo, que muitas vezes é mais eficaz do que a manipulação brutal. De fato, enquanto no mundo socialista, depois da crise da doutrina stalinista, as visões de mundo até agora mantidas longe estão experimentando um período de prestígio acrítico, a manipulação discreta que predomina no Ocidente em grande parte conseguiu espalhar na opinião pública que o marxismo é uma doutrina e um método totalmente ultrapassados, com os quais não vale a pena ter um interesse sério; já falamos das exceções constituída pelos melhores.

Portanto, eu acredito que as duas grandes transformações provocadas pelos desenvolvimentos econômicos, já mencionados anteriormente, levarão a *se familiarizar com a visão do mundo do adversário, a fim de ser capaz de refutar o oponente real de classe*. A grande maioria das lutas entre visões de mundo do nosso tempo ainda é tal que – na melhor das hipóteses – apenas convencem aqueles que já estão "convencidos". E até um objetivo

mais modesto, a saber, reforçar em certa medida os seguidores da própria visão de mundo, é assim altamente problemático. Quando ocorre algum choque social, essas salvaguardas artificiais são extremamente incapazes de oferecer resistência.

Para justificar a necessidade de nossa alegação acima formulada, deve-se notar que um discurso baseado apenas em entusiasmo e crença pode ser capaz de incitar seus ouvintes a um breve confronto; mas ainda que fosse repetido muitas vezes seria absolutamente inadequado para suscitar a força de resistência espiritual e moral necessária para uma guerra. Aplicando essa comparação à luta de visão de mundo, vê-se que a diferença entre a batalha específica e a guerra prolongada não é uma síntese meramente quantitativa da múltipla repetição daquelas, mas uma síntese qualitativa e estruturalmente diferente.

Para passar da imagem à coisa: se existem dois grandes sistemas sociais em luta pela visão de mundo, os debates específicos, que têm como objeto mediato sobretudo campos diferentes, estabelecem "frentes" muito diferentes um do outro; o aliado de um campo pode facilmente tornar-se adversário em outro campo, e vice-versa, assim, é possível que a mesma teoria em diferentes aplicações ou interpretações esteja disponível ora para um ora para outro parceiro de discussão. Considere, por exemplo, a segunda metade do século passado, quando o darwinismo em sua linha principal apoiou os ideólogos progressistas; mas ao mesmo tempo – por exemplo, como o chamado darwinismo social – pôde constituir uma ajuda para a reação ideológica, etc.

Em tais circunstâncias, objetivamente, não é uma contradição se assumirmos, por um lado, que toda a coexistência cultural é uma grande luta entre a visão de mundo socialista e a burguesa, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, admitirmos que nos debates específicos que constituem os elementos concretos dessa totalidade, as funções atuais de ensinamentos singulares, teorias, métodos, etc., podem ser extremamente diferentes, podendo até mesmo operar no sentido oposto.

Uma concepção monolítica-unívoca da luta entre visões de mundo dos sistemas sociais concorrentes leva a uma total falta de compreensão de sua essência. Este não é o resultado das inovações científicas específicas extremamente complexas, etc. Em vez disso, decorre da essência de toda transformação social. Lênin, em 1916, ridicularizou os seguidores de tal teoria monolítica. "Se for assim", ele escreveu, "que um exército se reúna em um ponto e declare: 'Nós somos pelo socialismo', em outro lugar outro exército que declare: 'Nós somos pelo imperialismo' e esta é então a revolução social!" Ele corretamente a chama de "um ponto de vista pedante e ridículo". É evidente que quando mais distante um fenômeno ideológico está da luta de classe imediata, tanto mais confirma com seus efeitos a correção dessas

proposições leninistas.

Mas isso tem consequências altamente importantes para a luta ideológica dentro da coexistência cultural. *Para poder vê-las, é necessário que nos sistemas os preconceitos antigos e obsoletos sejam superados. Sua essência consiste no fato de que as manifestações culturais do outro campo são monoliticamente consideradas como hostis.*

"Objetivismo" não é uma traição

Isso é evidente nas tradições stalinistas. Aqui – como em muitas outras vezes – distorcendo a afirmação de Lênin, um termo peculiar, "objetivismo", foi posto em circulação para marcar aqueles que ousam criticar os fenômenos ideológicos do mundo burguês de maneira justa e não unilateral. Eu talvez possa referir minhas próprias experiências. Quando publiquei uma forte crítica ao existencialismo francês no final dos anos 1940⁸, procurei demonstrar como alguns aspectos, não sem importância, dessa filosofia derivaram da situação ideológica da "Resistência". Isso pareceu a Fadejew uma manifestação de "objetivismo", já que era equivalente a encontrar desculpas para pensadores idealistas, para agentes da burguesia.

Houve, é claro, uma exceção a essa regra crítica: os ideólogos que assinaram certos manifestos políticos foram declarados tabu para qualquer crítica. Mais uma vez, permito-me recordar minha própria prática. Antes da viagem de André Gide à União Soviética, escrevi um ensaio teórico literário, no qual critiquei alguns de seus pontos de vista de forma respeitosa, mas objetivamente, de maneira aguda. Os editores da revista exigiram que esta parte dos meus comentários fosse apagada. O trabalho só apareceu após o retorno de Gide a Paris e a publicação de seu livro contra a União Soviética. O editor me ligou desesperadamente: "Por que excluímos a passagem sobre Gide do seu artigo?"

Mas seria uma ilusão perigosa acreditar que tal prática é estranha ao "mundo livre". O fato de que ocorra – muitas vezes – de forma não centralizada, mas espontânea, não muda nada de essencial. À rejeição monolítica, à consequência que decorre disso – muitas vezes tácita, mas muitas vezes até mesmo de modo aberto – importa sobretudo para que *a ideologia do socialismo seja "espiritualmente" aniquilada, mesmo sem estudar as fontes mais importantes*, que contra essa não se observe as regras da correção científica e literária, que se possa polemizar com essa falsificação as citações, deformando os conceitos, ocultando ou

⁸ [N.T.] LUKÁCS, György; *Marxismo e existencialismo*; trad. José Carlos Bruni; São Paulo: Senzala, 1967.

inventando fatos.

Para reiterar com minhas próprias experiências: Adorno me reprovou por ter tratado de modo simples Freud como fascista em meu livro *A destruição da razão*, ainda que, em conformidade com as intenções desse estudo, eu não tenha investigado e criticado as teorias de Freud.

Do outro lado, nem tudo é hostil

Se rejeitamos aqui esses meios da luta literária, o fazemos principalmente não por causa da decência literária – por mais importante que esta seja – mas porque uma luta autêntica entre visões de mundo, que surge necessariamente da coexistência cultural, torna-se objetivamente impossível com tal método vulgar-monolítico de tratar a concepção do adversário.

A concepção monolítica é cega tanto para o desenvolvimento desigual de diferentes domínios culturais quanto para a controvérsia real dentro de um sistema particular. Somente a ruptura com ela pode levar à percepção de que a opinião por nós sustentada pode sempre encontrar aliados completos ou parciais, e que em alguns casos pode aceitar criticamente a doutrina ou o método de um ideólogo do outro sistema. Por exemplo, Marx incorporou os ensinamentos de Darwin ou L. H. Morgan em sua concepção de mundo, enriquecendo-os e concretizando-os.

Uma analogia como essa, obviamente, não ocorre hoje. Isso não significa, no entanto, que um marxista deva ignorar os contrastes ideológicos existentes no Ocidente. Por exemplo, as afirmações muito controversas sobre a questão do estranhamento [*Entfremdung*], a corajosa posição de Sartre em todas as questões coloniais, suas tentativas de apropriação do materialismo histórico, o comportamento honesto de Hartmann em relação às questões ontológicas da filosofia da natureza, sobre os problemas da teleologia, a pesquisa de Werner Jaeger sobre vida espiritual grega, as ideias arqueológicas de Gordon Childe etc .; estas declarações mostram claramente alguns desses contrastes ideológicos.

Não se deve esquecer, entretanto, que certas fissuras de contradição não possam ser encontradas no interior da obra de vida de um autor: por exemplo, em A. Gehlen⁹, que por um lado faz observações antropológico-sociológicas brilhantes e frutíferas e por outro lado produz mitos da moda. Se compararmos N. Hartmann com Heidegger ou com os

⁹ Cf. ARNOLD GEHLEN, *Die Seele im technischen Zeitalter*. rde Bd. 53, Reinbek "1969; DERS., *Anthropologische Forschung*. rde Bd. 138, Reinbek 7197°. (Anm. d. Red.).

neopositivistas, Werner Jäeger ou Gordon Childe com a tagarelice misturadora de Jung ou Kerényi, então fica claro onde os oponentes reais e onde os possíveis aliados estão em questões específicas.

Para a ideologia ocidental, a suplantação da avaliação cultural monolítica concentra-se na questão de entender a verdadeira natureza da teoria e método de Marx. Sem dúvida, também há tentativas nesse terreno de buscar compreender, por meio de um desejo sincero, ainda que sejam hoje, na maioria dos casos, esporádicas e ausentes entre os ideólogos mais influentes.

No entanto, não é sem significado sintomático que há algumas décadas os freudianos de "esquerda" tentaram corrigir o marxismo através de uma recepção das teorias de seu mestre, mas agora há tentativas de modernizar o freudismo integrando-o com Marx. O mesmo também é visível em outras áreas, embora atualmente de uma forma muito esparsa. Domina ainda essa ignorância autossuficiente, que já foi apontada aqui. Mas não se deve concluir que a imposição de problemas seja sempre e puramente monolítica. Contradições estão presentes em todos os lugares e em todas as questões. Algumas foram mostradas acima.

Se os desdobramentos da coexistência econômica e política continuarem a progredir, este processo de diferenciação – e com ele a tomada de posição diferenciada – da assimilação de certas teorias à aliança de problemas específicos até uma rejeição radical (baseada no conhecimento), adquirirá amplitude e profundidade. *Só então a verdadeira coexistência pode ser uma luta real entre visões de mundo.* Para entendê-lo adequadamente, devemos saber, acima de tudo, que toda visão de mundo corre riscos, seja quando está satisfeita consiga mesma, quando permanece fechada em si mesma ou quando está pronta para aceitar o que vem de fora.

Que o primeiro comportamento leva à violência interna e, portanto, em situações de crise, à incapacidade de resistir, pode ser confirmado pela experiência histórica. No entanto, este comportamento é frequentemente perceptível hoje no capitalismo, bem como no socialismo.

No outro caso, verifica-se que toda visão de mundo, precisamente porque sempre provém de um certo ser social, é de grande sensibilidade interior. Para destacar um exemplo anterior: a recepção de L. Morgan por Marx e Engels foi um grande reforço ao materialismo histórico, enquanto a de Kant por Bernstein e Max Adler paralisou o materialismo dialético em círculos amplos e por um longo tempo.

O risco de abrir

Como esse risco tocou numa alternativa autêntica, não pode ser evitado: todo fato recém-descoberto, toda abertura de uma nova terra metodológica e até mesmo toda "descoberta" sensacional, ainda que incorreta, apresenta a cada visão de mundo uma tal alternativa e, mesmo decisões aparentemente óbvias, convenientes ou radicais são as mais perigosas: assim, muitos socialistas, para os quais a barreira contra o Ocidente enfraqueceu a força crítica de autodefesa do marxismo, nos últimos tempos, muito frequente, *têm se apropriado de maneira acrítica de tudo o que vem do Ocidente, como se o marxismo houvesse perdido sua capacidade de imunização.*

Este ensaio não tem a intenção de fazer julgamentos sobre questões relativas a visão de mundo, embora seu autor nunca escondeu que ele seja um fiel adepto do marxismo. O que deve ser tentado aqui é, pelo menos, apontar a função social e o destino social das visões de mundo na luta no campo das formações sociais. Esta função consiste na orientação avaliativa dentro de um determinado mundo social. O conhecimento da respectiva realidade concreta e a perspectiva de seu desenvolvimento não é, neste caso, um fim em si mesmo para o indivíduo, mas um veículo para uma vida vivida plenamente.

A verdade da imagem de mundo, a exatidão da perspectiva, a força libertadora das decisões de orientações éticas determina a força de resistência ou a fragilidade de uma visão de mundo. Por essa razão, as crises na vida pessoal ou no sistema social são, em última instância, as pedras de toque do que uma visão de mundo é capaz de realizar. *A coexistência cultural vai na direção de tais julgamentos, especialmente quando ambos os sistemas já estão prestes a superar econômica, social e ideologicamente suas atuais deficiências internas,* quando o crescimento geral do ócio clarifica cada vez mais o vazio de sua realidade atual a um número sempre maior de pessoas e as faz procurar por si mesmas um sentido a dar para a própria vida.

Confronto de ideias ao invés da guerra mundial

Ninguém pode hoje prever as formas concretas das lutas ideológicas na coexistência cultural. Hoje estamos no início de um longo processo, mas parece certo para nós que seu significado será maior do que nas transições anteriores de uma forma social para outra. Até mesmo o desaparecimento da guerra aponta para isso, e o fato de que as guerras civis não estão em linhas de princípio eliminadas, não diminui o crescente significado social das

questões de visão de mundo; na verdade, pode até aumentar essas tendências. (As formas concretas dessas transições são tão imprevisíveis que não vale a pena falar sobre elas.) De fato, precisamente a escalada das contradições internas de classe é um fator que faz emergir na superfície da vida humana a capacidade de resistência ou a fragilidade, a elasticidade ou a rigidez das visões de mundo.

É claro que a ação real dos homens – em última análise – é determinada pelo seu ser social. Mas a passagem do ser para a consciência não é apenas inevitável e significativa, mas também muito complexa, dialeticamente contraditória, desigual. E nesta passagem, acreditamos, o papel das visões de mundo na futura coexistência será maior do que nunca na história.

Por fim, algumas observações sobre o papel da arte, especialmente a literatura neste complexo de problema da coexistência cultural. Se alguém quiser ter uma imagem fiel da realidade, então deverá resguardar-se, com maior atenção possível, das generalizações monolíticas. Estas ainda são predominantes em ambos os sistemas hoje, sobretudo pelo fato que se está inclinado a ignorar as *lutas de tendência internas ao campo do adversário*. Que isso fosse assim durante o tempo de Stalin era algo inevitável; já me referi em outros contextos, a algumas das consequências que ainda estão em vigor hoje.

A consequência mais importante e mais perigosa do desenvolvimento literário socialista está no fato de se negligenciar a luta nunca interrompida, e sempre mais intensa, entre o realismo e o antirrealismo no Ocidente. No Ocidente, esses mesmos preconceitos em relação ao realismo socialista são predominantes. Esquece-se que o período pré-stalinista da revolução, cujo efeito na literatura durou até meados da década de 1930, produziu não apenas filmes, mas também escritores como Scholochow e Makarenko, obras como os últimos dramas de Gorki, como seu *Klim Samgin*.

E não se esqueça que a oposição ao método stalinista, embora ainda em seus primórdios, trouxe escritores como Solzhenitsyn ou Nekrassow, cujas obras de modo algum significaram uma ruptura com o realismo socialista, mas sim sua renovação interior adequada às exigências atuais. É assim que a literatura socialista pode recuperar seu significado.

A estética decide

Não tratamos todas as questões decorrentes dessa situação, e da sua futura suplantação

de um ponto de vista puramente estético, mas apenas como partes daquele complexo que antes procuramos entender como a luta das visões de mundo. *A estética não está excluída desse complexo. Pelo contrário. Desempenha um papel decisivo*, já que uma influência geral, profunda e duradoura sobre o plano da visão de mundo só é possível em casos excepcionais por obras artisticamente inferiores.

É precisamente quando, como aqui, os efeitos da arte são considerados como uma parte altamente importante das lutas entre visões espirituais de mundo analisadas precedentemente, que seu poder de penetração espiritual e sensível é da maior importância, e que eles contêm momentos decisivos do estético.

O que distingue os efeitos artísticos do ponto de vista dessa observação dos efeitos científicos e ideológicos é, acima de tudo, que nestes as barreiras de classe na receptividade podem ser superadas com muito mais frequência, muito mais veementemente do que seria o caso no outro. Quando um argumento intelectual começa a influenciar a visão de mundo dos homens, uma controvérsia interna mais ou menos socialmente consciente no próprio homem é quase inevitável. Se, por outro lado, o efeito é criado pelas representações artísticas de homens e pelos destinos humanos, então é muito mais fácil a sua imediatez quebrar barreiras ou limites de classe. De "Figaro" de Beaumarchais ao filme "Encouraçado Potemkin", a história mostra uma riqueza de exemplos desse modo de ação. No entanto, do ponto de vista da luta das visões de mundo, com a ressalva de que tais impressões podem ser muito mais facilmente reintegradas ao antigo sistema de crenças e, assim, tornadas socialmente "inofensivas", do que as influências intelectuais e ideológicas diretas.

Em todo caso, não se deve subestimar os efeitos da arte, sejam eles perturbadores ou tranquilizadores, produzam revolta ou apatia, entusiasmo ou cinismo, sobre o plano das visões de mundo. Acreditamos que as grandes e cruciais emoções que emanam dela, têm suas raízes mais profundas propriamente no terreno do conteúdo humano das visões de mundo. Quando o aspecto puramente formal da arte está demasiadamente no centro das atenções, isso geralmente é um sinal de relaxamento na relação essencial entre a arte e o público, ou a concentração de seus efeitos numa acomodação apática-cínica das formas de vida dadas. O realismo autêntico, de maneiras sempre diferentes, tende a exercer um apelo edificante para preservar a integridade ética dos homens.

Em tudo isso, é claro, deve-se levar em conta que a conversa aqui é exclusivamente sobre as emanações das próprias obras e não sobre as intenções dos autores. É claro que no campo da teoria existe um vínculo contraditório, desigual, entre a intenção subjetiva e a tendência e a força objetivas capazes de influenciar os homens. Essa contradição, no entanto,

aumenta qualitativamente no campo da arte. É por causa dessa tendência desfavorável do presente que este elemento da dialética entre intenção e realização é negligenciado.

Proibir torna atrativo

O período stalinista, em particular, negou a possibilidade de figurações artísticas que estivessem em contradição com as suas intenções conscientes. Um sistema de direção baseado em tais condições deve, portanto, exercer uma influência paralisante. E quando depois chega até impor proibições, pode muito facilmente conduzir à exagerada atração por tendências superficiais e temporárias, tornar sua influência mais profunda e duradoura do que seria em sua espontaneidade. Muito similar, em última análise, no Ocidente são as tentativas de difamar o realismo do ponto de vista estético.

Estas observações breves não pretenderam por certo tomar posição esteticamente sobre a arte de nossos dias e a perspectiva de seu desenvolvimento no desdobramento da coexistência cultural. Pretendeu apenas acenar para alguns traços essenciais que determinam o papel peculiar da arte dentro da luta ideológica da coexistência cultural.

No geral, entretanto, tentamos apontar, para além das dificuldades atuais, específicas e que provavelmente condenadas a ser superadas por um desenvolvimento posterior, para as suas perspectivas, que – eliminando as polêmicas mesquinhas de hoje – anunciam, aquilo que é dado a ver, uma luta ideológica significativa e aguda entre os dois sistemas. O autor dessas linhas não quer esconder sua convicção de que nessa competição de visões de mundo na coexistência cultural, o marxismo, que irá reencontrar a si mesmo e se tornará autêntico, resultará vencedor.

[1964]